

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA
FONSECA
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS DO ENSINO
SUPERIOR
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS ÀS NEGOCIAÇÕES
INTERNACIONAIS**

Eduardo Moraes Fernandes

**A VERDADE ESTÁ AQUI DENTRO: UMA ANÁLISE DA
RELEVÂNCIA DO ESTUDO DAS TEORIAS DA
CONSPIRAÇÃO PARA A CIÊNCIA POLÍTICA ATRAVÉS
DAS TEORIAS BIRTHER DE 2008**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RIO DE JANEIRO

2021

Eduardo Moraes Fernandes

**A VERDADE ESTÁ AQUI DENTRO: UMA ANÁLISE DA
RELEVÂNCIA DO ESTUDO DAS TEORIAS DA
CONSPIRAÇÃO PARA A CIÊNCIA POLÍTICA ATRAVÉS
DAS TEORIAS BIRTHEER DE 2008**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, do Departamento de Línguas Estrangeiras, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

Orientador: Prof. Dr. Elizeu Santiago Tavares de Sousa

RIO DE JANEIRO

2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

F363 Fernandes, Eduardo Moraes
A verdade está aqui dentro: uma análise da relevância do estudo das teorias da conspiração para a ciência política através das teorias Birther de 2008 / Eduardo Moraes Fernandes — 2021.
31f. : il.(algumas color). ; enc.

Projeto Final (Graduação) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2021.

Bibliografia : f. 27-31

Orientador: Elizeu Santiago Tavares de Souza

1. Teorias da conspiração. 2. Política internacional. 3. Conspirações. 4. Trump, Donald, 1946-. 5. Obama, Barack, 1961-.
I. Souza, Elizeu Santiago T. de (Orient.). II. Título.

CDD 364.1

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à minha família, em especial à minha mãe, Christiane e meu irmão, Guilherme, por me aturarem há tantos anos e estarem comigo ao longo dessa jornada incrível chamada vida. Aos demais membros da minha família, sintam-se aqui representados, sempre fui muito ligado à família porque estou cercado de pessoa incríveis e que amo muito.

Ao meu orientador, Professor Dr. Elizeu Santiago, começamos a conversar sobre o tema já faz alguns anos em uma das disciplinas do núcleo de Relações Internacionais e me lembro ainda do que me disse quando pedi para que você me orientasse, que não toparia orientar um trabalho sobre esse tema para qualquer aluno. Muito obrigado pela confiança, pela orientação e pelo despertar de um desejo na vida acadêmica que eu não sabia que tinha.

Aos meus amigos de longa data, Lucas, Ana Luiza, Julia, Beatriz, Gabriele, Nathália e Luiza. Compartilho tantos momentos da minha vida com vocês, que jamais sonharia em estar aqui sem agradecer por todo o carinho e amor.

Aos amigos que fiz no CEFET/RJ, Ana Clara, Fernanda, Carol, Laís, Caio, Renata, Ana Conceição e Mari que puderam me proporcionar momentos de descontração em meio ao estresse da vida universitária e são pessoas sensacionais que estarei levando para a vida toda.

Gostaria também de agradecer a todos aqueles que participaram da minha jornada no CEFET/RJ, principalmente aos professores Adriana Ramos, Gileade Godoi, Leandro Cristóvão e Roseli Lima que, talvez mesmo sem saber, desempenharam um papel fundamental na minha jornada e aos professores Alexander Magalhães e Alessandro Biazzi, por terem topado participar desta última etapa na minha trajetória dentro do LEANI.

À minha psicóloga, Ana, começamos a nos ver no meu segundo ano da faculdade, e agora que estou saindo, consigo olhar para trás e ver o quanto mudei e o quão importante foi ter você por perto por todos esses anos.

Por fim, mas não menos importante, quero simplesmente agradecer, ao universo, a Deus, a Força Maior, ou quem quer que seja que proporcione tudo isso que vejo ao meu redor.

Muito Obrigado.

A confiança do ingênuo é a arma
mais útil do mentiroso. (KING, Stephen)

RESUMO

MORAES, Eduardo. A verdade está aqui dentro: Uma análise da relevância do estudo das teorias da conspiração para a ciência política através das teorias Birther de 2008. 2021. 32 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

Tema polêmico na sociedade e negligenciado pela academia, as teorias da conspiração são o alvo central deste trabalho. Através do mundialmente conhecido caso das teorias da conspiração sobre a nacionalidade do ex-Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, conhecidas como teorias Birther, que atingiram seu ápice em 2008, este trabalho se propõe a analisar como as teorias da conspiração são influenciadas e possuem o poder de influenciar a vida política. O objetivo principal do trabalho é evidenciar que estas teorias merecem um maior estudo e aprofundamento dentro do meio acadêmico, na medida em que elas, hoje, estão presentes em debates e pensamentos políticos e são utilizadas como ferramentas para engajar grupos e comunidades à mobilização política, guiada pela polarização extrema, não só nos Estados Unidos, mas no mundo inteiro.

Palavras-chave: Teoria da Conspiração, Teorias Birther, Polarização Política, Donald Trump, Barack Obama.

ABSTRACT

MORAES, Eduardo. The truth is in here: An analysis of the relevance of the study of conspiracy theories to political science through the Birther theories from 2008. 2021. 32p. Trabalho de Conclusão de Curso - Federal Center of Technological Education. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

Polemic theme in society and neglected by the academy, conspiracy theories are the main target of this paper. Through the worldwide known case of conspiracy theories about the nationality of the former president of the United States, Barack Obama, known as Birther theories, that reached their summit in 2008, this paper proposes to analyze how conspiracy theories are influenced and possess the power to influence political life. The main objective of this paper is to evidence that these theories deserve larger and deeper study inside the academic milieu, as they, today, are present in debates e political thoughts and are used as tools to engage groups and communities in political mobilization, guided by extreme polarization, not only in the United States, but in the whole world.

Keywords: Conspiracy theory, Birther theories, political polarization, Donald Trump, Barack Obama.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 UMA LITERATURA EM CONSTRUÇÃO.....	10
3 DE CONSPIRAÇÕES AO CONHECIMENTO ESTIGMATIZADO	11
4 AS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DAS TEORIAS BIRTHER	17
5 O BRASIL COMO UM ESPELHO DO CASO ESTADUNIDENSE.....	23
6 CONCLUSÃO.....	24
BIBLIOGRAFIA	27

1 INTRODUÇÃO

O grande e rápido avanço da tecnologia e crescimento massivo da influência da mídia na vida social deixa a sociedade cada vez mais à deriva num mar interminável de informações. É notável o fato de que, quanto maior a quantidade de informação, menor o contato que se pode estabelecer com cada uma, e, logo, menor o tempo para verificar a sua veracidade. É dentro deste cenário fragilizado pelo bombardeio constante de informações, que ganham cada vez mais força as chamadas teorias da conspiração.

Existem diversas classificações e categorizações de teorias da conspiração. Neste trabalho, por exemplo, só serão abordadas teorias da conspiração chamadas de políticas, ou seja, teorias como as do 11 de Setembro. Teorias não políticas, como “Elvis não morreu” ou “O Papai Noel existe” não serão trabalhadas nas próximas páginas. Mas é importante ter em mente que, quando se refere a teorias da conspiração como um conjunto de crenças e lógicas próprias, diversas ideias estão sendo abrangidas.

No que diz respeito à origem destas teorias, não há uma data precisa em consenso entre aqueles que as estudam. Uma das mais antigas literaturas conspiracionistas, a Nova Ordem Mundial, tem suas origens no livro do Apocalipse. Enquanto a Teoria dos Reptilianos, pode ser rastreada até mesmo ao Jardim do Éden, em tempos muito anteriores ao contemporâneo.

Apesar de estarem presentes há tanto tempo na história, é possível perceber que essas teorias nunca penetraram de fato nas instituições tradicionais de conhecimento e governo, sempre existindo paralelamente aos regimes e à humanidade de forma geral. O professor americano Michael Barkun (2013) identifica essa subcultura paralela e segregada da comunidade tradicional, como o domínio do conhecimento estigmatizado, que pode ser definido como tudo aquilo que é rejeitado, ignorado ou negado pelas instituições tradicionais de conhecimento (BARKUN, 2013).

Ao longo dos anos, percebe-se, entretanto, que a barreira entre os conhecimentos tradicional e estigmatizado é permeável, ou seja, ideias e conhecimentos uma vez cultivados à margem da sociedade, encontram meios de viver paralelamente a ele ou até mesmo migrar às massas e vice-versa. As teorias da conspiração, por sua vez, sempre coabitaram a história com a ciência e os fatos, sendo restritas a um grupo pequeno, que questionam os fatos e fazem provocações sobre o que é real e o que não é. No entanto, essa visão das teorias da

conspiração como pensamento de um grupo específico vem sendo desconstruída com o passar dos anos, como é possível observar em diversos momentos da história.

Para estudo deste trabalho, foram escolhidas as Teorias Birther, que surgiram nas eleições presidenciais de 2008 dos Estados Unidos, e ganharam destaque nos anos consecutivos, até seu ápice em 2011. Essas teorias se baseavam na crença de que Barack Obama não era um cidadão americano nato, e logo sua posse como presidente era ilegítima. Hoje, elas são reconhecidas também por terem favorecido e impulsionado a ascensão política do seu sucessor, Donald Trump.

O caso foi selecionado por sua relevância para a história política, mostrando que apesar das teorias da conspiração muitas vezes sugerirem possibilidades completamente estranhas ao resto do mundo, elas têm uma força que vai muito além do seu conteúdo, podendo servir como forma de poder, ajudando a manter uma instabilidade política que favorece um indivíduo ou um governo. Este caso é, acima de tudo, uma ilustração concreta de que estas teorias, outrora parte de uma subcultura estigmatizada, podem ser facilmente incorporadas na comunidade popular, tendo influência a partir da mídia, da internet, de pessoas públicas, ou do simples caráter inigualável de si mesma.

No Brasil, apesar de existir uma subcultura de conspiracionismo estrangeiro e nacional, pouco se fala academicamente da presença e dos impactos das teorias da conspiração na política, deixando de lado a grande contribuição e potencial que o tema tem para repensar o funcionamento da ciência política. A principal base dos trabalhos acadêmicos de Relações Internacionais e Ciência Política no Brasil é ainda o estudo tradicional de teorias e autores de escolas teóricas, sem exploração de temas contemporâneos que fogem ao tradicional com a devida relevância e aprofundamento.

O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar como as teorias da conspiração têm se tornado cada vez mais presentes dentro do conhecimento popular e tradicional, não sendo somente restritas a um pequeno público e subcultura, procurando esclarecer quais foram e quais são os seus impactos reais na política, como elas são estudadas academicamente e de que forma o governo lida com elas.

Na primeira seção, será feita uma breve análise da literatura acadêmica sobre o tema. Posteriormente, será feito um levantamento conceitual sobre o que pode ser entendido como conhecimento estigmatizado e teoria da conspiração e quais são as suas principais características, de acordo com acadêmicos que se dedicam a este campo. Por fim, o caso acima citado será revisitado a partir de perspectivas políticas e conspiracionistas, observando

em que medida ele ilustra e contribui com a fragilização da barreira entre os conhecimentos tradicional e estigmatizado, antes que se possa então concluir as questões levantadas.

2 UMA LITERATURA EM CONSTRUÇÃO

Como já dito, a fronteira entre os conhecimentos tradicional e estigmatizado ao longo dos anos, se mostra cada vez mais fluida. De acordo com Barkun (2013), são as instituições tradicionais de conhecimento, como a academia, comunidades científicas e os veículos respeitados e renomados da mídia, que possuem o poder de legitimar uma forma de conhecimento, no processo chamado pelo autor de “autorização”. No entanto, apesar de terem autorizado diversas formas de conhecimento, principalmente no último século, como será visto mais à frente, elas não o fazem com as teorias da conspiração. Conforme o autor:

Nós ainda não estamos em um mundo de completo pluralismo epistemológico [...]. Mas os conspiracionistas [...] parecem viver em um universo epistêmico distinto, onde as regras que determinam verdade e falsidade não se aplicam. Na medida em que suas fileiras estão crescendo, eles representam um problema que é ao mesmo tempo cultural e político. (BARKUN, 2013, p.236, tradução nossa)

Segundo Bale (2007), existe uma repulsa acadêmica muito forte com a palavra “conspiração”, “um preconceito tão forte”, segundo o autor, que:

[...] mesmo quando evidências de um plote são descobertas ao longo de suas próprias pesquisas, eles frequentemente se sentem no dever, seja por constrangimento ou desejo de difundir criticismo antecipado, de iniciar suas considerações ostensivamente negando uma crença em conspirações. (BALE, 2007, p.47, tradução nossa)

A escassez de obras sobre o tema é um problema mencionado por diversos autores. É possível enxergar este preconceito citado por Bale, e reforçado por Barkun de forma mais ampla, como sendo a principal causa para uma literatura pouco extensa sobre o tema.

De forma semelhante, em um ambiente informal, qualquer um pode perceber como temas ligados às teorias da conspiração causam certo desconforto, sempre sendo associadas à falta de bom senso e até mesmo loucura. Um dos grandes contribuidores desta literatura, Richard Hofstadter, citado em praticamente todas as obras sobre o assunto, baseia sua percepção do tema no que ele chama de “paranoia política”, termo que é tanto aclamado como criticado por autores mais modernos, por sua conotação associada a um transtorno de sanidade mental.

Outro fato perceptível sobre esta bibliografia é a constante citação dos mesmos autores, como em um círculo fechado. São diversas as obras que frequentemente citam umas às outras ou referenciam os mesmos autores, o que por um lado dificulta o estudo do tema, e por outro, facilita a criação de uma base teórica, de uma liberdade conceitual. Percebe-se que cada autor, independentemente de sua base acadêmica, tem um espaço muito grande e fluido para exposição e criação de ideias próprias e originais, já que muito pouco é falado sobre o tema.

Hoje, no Brasil, é possível observar que alguns trabalhos já começam a explorar esse tema, analisando-o através da sociologia, ou da sua influência na cultura popular, abordagens tangentes, mesmo que de forma indireta, ao seu impacto na política, tais como (SILVA, 2010) e (QUINAN, 2018). Os trabalhos brasileiros, ao contrário dos estrangeiros, são tímidos ao "levantar a bandeira" da importância de estudos de teorias da conspiração, mas alguns ainda o fazem, trazendo à tona os mesmos problemas listados por autores de fora do Brasil. Este trabalho, diferente de outros recentes que também abordam o tema, busca entrar em uma análise da influência destas teorias no campo político, passando do ponto de provocar e instigar, para de fato observar e compreender.

Nota-se também que a bibliografia sobre o assunto é extremamente recente, com especial atenção para os anos seguintes aos eventos do 11 de Setembro, e ela própria defende um crescimento do aprofundamento do tema. Os próprios autores se queixam da falta de aporte teórico acadêmico e incentivam o estudo e pesquisa na área.

Conforme apontado por Swami e Furnham (2017), um dos principais motivos pelos quais as teorias da conspiração não ganham espaço na academia se deve ao fato de que não existe uma unidade, um consenso entre o que é e o que não é uma teoria da conspiração. Apesar de pontuais contraposições, é possível perceber, entretanto, pontos de convergência que ajudam a estabelecer conceitos amplamente aceitos pelos estudiosos do tema, e que facilitam a compreensão destas teorias, conforme será visto a seguir.

3 DE CONSPIRAÇÕES AO CONHECIMENTO ESTIGMATIZADO

Não é possível afirmar com precisão a origem das teorias da conspiração. A maior parte dos autores opta por identificar a Revolução Francesa como o primeiro momento

histórico destas teorias. Barkun (2013), por outro lado, afirma que é possível encontrar teorias da conspiração em diversos momentos anteriores na história.

No que diz respeito a origem do termo, também existem divergências. A escolha mais comum entre os estudiosos do tema é de que

O primeiro momento onde o termo “Teoria da Conspiração” é usado em grande escala é na década de 1960, quando os veículos de comunicação estadunidenses, de forma pejorativa, se referiam às teorias que negavam a versão oficial do assassinato do presidente John F. Kennedy. (QUINAN, 2018, p.2)

Apesar de não existirem vestígios científicos que definam uma unanimidade nem sobre a origem das teorias, nem sobre a origem do termo, academicamente, a maior parte dos autores têm por costume se referir à obra “The Paranoid Style in American Politics” (1964) de Hofstadter como precursora dos estudos de teorias da conspiração. O seu conceito, de teoria da conspiração como a crença em uma “grande, traiçoeira e efetiva rede internacional de conspirações criada para perpetuar os mais diabólicos atos” e que visa “enfraquecer e destruir um modo de vida.” (HOFSTADTER apud SWAMI e FURNHAM, 2017, p.219, tradução nossa) é um dos mais abraçados pelos autores da área até hoje.

Sunstein e Vermeule (2008) exploram conceitos além destes, definindo teoria da conspiração como “um esforço em explicar um evento ou uma prática através de maquinações de pessoas poderosas, que conseguem esconder sua participação” (SUNSTEIN e VERMEULE, 2008, p.4). Essa definição se faz importante por dois motivos: primeiro por trazer a ideia de “esforço em explicar”, o que muda a concepção da teoria da conspiração como fruto de uma imaginação paranoica, conforme afirmado por Hofstadter, e faz com que ela passe a ser vista como um ponto de vista, uma resposta para uma pergunta; e segundo porque ela torna mais explícita a noção de participação oculta. Outros autores também criaram definições próprias que, apesar de variarem nas palavras, possuem a mesma essência.

As teorias da conspiração possuem entre si algumas características e pressupostos semelhantes, os quais Barkun (2013) chama de “três princípios globais”. São eles: “Nada acontece por acidente”, “Nada é o que parece” e “Tudo está conectado” (BARKUN, 2013, p.3-4, tradução nossa).

A grande importância destes três princípios é compreender que a perspectiva conspiracionista funciona através de uma lógica própria, onde as noções de coincidência, acidente e acaso não são aceitáveis. Tome-se por exemplo a teoria do terraplanismo¹. É muito

¹ “diz respeito a um conjunto de ideias defendidas por pessoas que acreditam que a Terra tenha o formato de um plano, limitado pelo Círculo Polar Ártico, e não de uma esfera. Alguns dos chamados terraplanistas creem

comum ver contra-argumentos à esta teoria afirmando que existem dados, fornecidos por instituições científicas como a NASA, de que a Terra é, de fato, redonda. No entanto, para aquele que acredita na teoria, mesmo aquelas informações que são tomadas como fatos pelo resto da população, são questionadas e tidas como “achismos” pelos conspiracionistas. Essa subversão, que confere aos fatos e às opiniões mesmo peso e valor argumentativo, é uma forma de fortalecer o questionamento.

A partir deste exemplo, pode-se perceber que, assim como sugerem Susntein e Vermeule (2008), as teorias da conspiração são extremamente resistentes, uma vez que, quando se apresentam fatos para contrapor essas teorias, esses fatos por si só acabam sendo identificados pelas teorias, como parte da própria conspiração, tornando ainda mais difícil negá-las.

Por mais que, muitas vezes, essas teorias possam sugerir ideias que pareçam absurdas,

elas alegam ser comprováveis pela acumulação de evidências sobre o mundo observável. Aqueles que submetem tais concepções, não pedem que elas sejam aceitas pela fé. Pelo contrário, eles frequentemente se empenham em elaborar apresentações de evidências de maneira a substancializar suas alegações. [...] O caráter fantástico das conclusões feitas pelas teorias da conspiração leva a tentativas heroicas de encontrar alguma ‘evidência’ que prove que o inacreditável é a única coisa na qual se pode acreditar. (BARKUN, 2013, p.6-7, tradução nossa)

Para toda teoria da conspiração, existe um culpado, alguém que está manipulando o cenário de acordo com suas próprias vontades. Conforme diz Barkun (2013, p.13), “a perspectiva de um conspiracionista sugere o universo muito mais como produto de um planejamento do que do acaso.” (BARKUN, 2013, p.3, tradução nossa)

Para melhor compreender o que são estas teorias, é necessário fazer uma diferenciação entre teorias da conspiração e conspirações políticas genuínas. Estes dois conceitos são objetos de estudo relacionados à Ciência Política, mas eles possuem algumas diferenças fundamentais. Como observado por Bale (2007), os estudiosos de conspirações políticas acreditam que nenhum grupo de indivíduos tem a capacidade de alterar o curso da história e “ao contrário do que os conspiracionistas dizem sobre as teorias da conspiração, as conspirações políticas são qualquer coisa, menos monolíticas, uma vez que a divergência de opiniões e interesses no campo político é muito grande.” (BALE, 2007, p.54, tradução nossa)

Essa culpabilização, presente em todas as teorias da conspiração, ocorre, segundo Popper (1966 *apud* SUNSTEIN e VERMEULE, 2008), porque “a maior parte das pessoas não

também que a gravidade é uma farsa e que a Lua e o Sol encontram-se muito mais próximos da Terra do que se acredita.” (HELERBROCK, 2021)

gosta de acreditar que eventos significantes foram causados por má (ou boa) sorte, e preferem histórias causais mais simples.” (POPPER *apud* SUNSTEIN e VERMEULE, 2008, p.6, tradução nossa). E identificar um responsável é justamente o que as teorias da conspiração fazem. Estes culpados, aos quais os autores se referem como conspiradores, possuem cinco características, de acordo com Bale (2007): Eles são o “Mal Encarnado”, só pensam em si mesmos e em seus interesses; são um grupo monolítico (poderoso, uniforme e indivisível) e infalível ao perseguir seus objetivos; são onipresentes; são onipotentes; e, são a força motora de toda e qualquer mudança histórica.

Como já visto na introdução deste trabalho, quando se fala em teorias da conspiração, existem diversas subcategorias. Para este trabalho, a diferenciação mais relevante é a feita por Keeley (1999 *apud* RAIKKA, 2009), que define um grupo chamado de UCTs (Teorias da Conspiração Injustificáveis²), teorias que: contradizem informações oficiais ou ‘óbvias’; constantemente unem informações que a priori não estavam relacionadas; sugerem conspiração de um grupo invariavelmente nefasto e que consegue esconder segredos, mesmo quando são figuras públicas; e se fundam em “informações errantes”, informações que ou não são levadas em conta pela teoria ou, se verdadeiras, a contradizem. Dentro deste grupo, estão a maioria das teorias da conspiração políticas, assim como as Teorias Birther, mencionadas previamente e estudo de caso deste trabalho.

Mesmo fazendo tantas suposições e tendo uma visão pessimista sobre o funcionamento do mundo, é possível perceber que o estudo dessas teorias é de extrema relevância para a Ciência Política. Tome-se por exemplo, o escândalo de Watergate, episódio que levou à renúncia o então presidente norte-americano Richard Nixon, após a comprovação de seu envolvimento na invasão aos escritórios do Partido Democrata Americano para instalação de dispositivos de grameamento e escuta em 1972. Muitos podem não se lembrar, ou não saber, mas a denúncia do escândalo de Watergate começou, na verdade, como uma teoria da conspiração, e somente após investigações conduzidas pelo FBI (*Federal Bureau of Investigation*), esta teoria se provou verdadeira.

Com isso, não se assume, entretanto, que toda teoria deve ser levada a sério como uma possibilidade de ser real, mas que o questionamento que elas trazem pode ser benéfico. Considere-se por exemplo, o caso de Roswell, Novo México, supostamente o primeiro local, em 1947, onde foi visto um OVNI (Objeto Voador Não-Identificado) de origem extraterrestre, o que deu margem a uma cadeia perpétua de teorias e especulações. Esse caso, obviamente,

² *Unwarranted Conspiracy Theories*, no original.

não se provou realidade como o anterior, mas ele também teve um desenrolar bastante interessante: segundo o governo americano, na época, o suposto OVNI ou nave extraterrestre, nada mais era do que um balão meteorológico; no entanto, 30 anos depois, o governo desmentiu essa declaração em um relatório, assumindo o objeto como parte do Projeto Mogul, um projeto ultrassecreto do governo americano do período da Guerra Fria. Muitas pessoas nem sequer suspeitaram da versão do governo na época, acreditando que questionar esta versão implicaria imediatamente em aderir a uma versão radical conspiracionista e a crença em extraterrestres. Esse caso mostra que a teoria também pode desempenhar um papel favorável ao governo, ajudando a aumentar o seu status e proteger suas declarações oficiais do questionamento conspiratório público.

Estes dois exemplos são extremamente importantes para perceber que estudar teorias da conspiração é muito mais do que analisar puramente seus conteúdos. Não é sobre investigar se existem extraterrestres ou se a Terra é ou não plana, mas sim observar toda a estrutura e questionamento por detrás delas que levaram até estas suposições, bem como suas consequências reais.

Uma das maiores contribuições contemporâneas para o estudo destas teorias é de Barkun (2013), que identifica as teorias da conspiração como parte de um conceito, criado por ele mesmo, chamado de conhecimento estigmatizado. Esta associação é fundamental para a compreensão destas teorias como uma forma de conhecimento, fator que passa credibilidade acadêmica sobre o assunto e reforça o valor delas para além de somente seu conteúdo.

O conhecimento estigmatizado nada mais é do que um conjunto de “afirmações tidas como verdadeiras por um grupo, apesar de serem marginalizadas pelas instituições que convencionalmente separam o mundo entre conhecimento e erro - universidades, comunidades e pesquisadores científicos e afins” (BARKUN, 2013, p.26, tradução nossa). Dentro do domínio do conhecimento estigmatizado, diversos tipos³ de conhecimento podem ser encontrados. Para fins de objetividade, o único que será abordado neste trabalho é o chamado conhecimento suprimido.

O conhecimento suprimido é, segundo Barkun, o conhecimento supostamente tido pelas autoridades, porém identificado como falso por motivos malignos ou pelo medo das

³ A saber, são eles o conhecimento esquecido (aquele que uma vez foi tido, porém perdido ao longo do tempo, seja por memória, fatores externos ou catástrofe), o conhecimento revogado (aquele que já foi reconhecido, porém perdeu seu status após ser visto como falso ou menos válido que outros), o conhecimento ignorado (aquele que se perpetua por grupos de baixo-prestígio e não é levado a sério), o conhecimento rejeitado (aquele que é explicitamente reconhecido com falso) e o conhecimento suprimido (visto a seguir) (BARKUN, 2013)

autoridades das consequências da ciência pública. As teorias da conspiração são identificadas por Barkun como uma forma deste conhecimento, na medida em que aqueles que acreditam nelas estão convencidos de que somente eles conhecem a verdade sobre como funciona o poder, e se libertaram de uma suposta cegueira e ignorância. Além disso, elas “explicam porque todas as formas de conhecimento estigmatizado foram marginalizadas - alegadamente a conspiração utilizou seu poder para impedir que a verdade fosse descoberta.” (BARKUN, 2013, p.26, tradução nossa)

Segundo Barkun (2013), é possível observar que, ao longo do tempo, diversos conhecimentos migraram do domínio do conhecimento estigmatizado para o conhecimento tradicional e vice-versa. É o caso, por exemplo, da acupuntura⁴, prática de medicina alternativa que por muitos anos foi vista com preconceito, como não eficaz e irrelevante. Hoje, por outro lado, qualquer um pode facilmente encontrar um artigo científico ou de credibilidade jornalística que fale sobre os benefícios da acupuntura, ou ainda, encontrar um profissional de forma rápida e lícita.

No que diz respeito às teorias da conspiração, Barkun (2013) afirma que muitos princípios e ideais deste conhecimento migraram para a cultura popular através de filmes e séries, com destaque especial para a série de TV Arquivo X (1993-2002⁵) e o filme Teoria da Conspiração (1997). Entretanto, apesar de se verem conteúdos de teorias da conspiração na cultura popular, Barkun defende que estas teorias ainda são predominantemente disseminadas em sites de internet e grupos seletos, portanto, não migraram, ainda, para o campo do conhecimento tradicional. Segundo o autor, isso só será possível de se afirmar, quando a grande mídia ou a academia expressamente veicularem esta forma de conhecimento.

A mídia, apesar de ter o seu papel na propagação de informação e influência da massa, não é a única fonte de propagação de ideias. Conforme aponta Houghton (2009), as figuras políticas e públicas também têm um papel muito grande na disseminação de ideias. De acordo com Barkun, por mais influente que sejam estes indivíduos, eles não possuem o poder de autorizar conhecimentos estigmatizados, ou seja, legitimá-los.

⁴ Ramo da medicina chinesa tradicional que consiste em introduzir agulhas metálicas em pontos precisos do corpo de um paciente, para tratar de diferentes doenças ou provocar efeito anestésico.” (INSTITUTO VEIGA, 2021)

⁵ A série também ganhou duas temporadas posteriores, em 2016 e 2018, porém, as temporadas originais foram precursoras na discussão popular do tema e têm contribuição de maior relevância histórica.

No entanto, será que essa afirmação é tão rígida, que, nem quando a figura política em questão é o presidente norte-americano, provavelmente o cargo político mais importante do mundo, ela pode ser questionada?

4 AS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DAS TEORIAS BIRTHER

As eleições presidenciais norte-americanas de 2008 entraram para a história mundial. Um homem negro tinha sido, pela primeira vez, eleito para o cargo mais importante da economia e política global. Pessoas de todo o mundo se manifestaram e de alguma forma compartilharam das emoções do cidadão norte-americano por um breve instante. Por um lado, democratas estadunidenses e seus simpatizantes ao longo do globo vibravam com o primeiro presidente negro e a vitória do partido democrata; por outro, republicanos lamentavam a derrota partidária enquanto racistas e céticos desacreditavam no futuro do país. E foi justamente entre esses grupos de insatisfeitos que surgiram as teorias da conspiração Birther, conhecidas em português apenas como teorias da conspiração sobre a cidadania de Barack Obama.

A principal alegação dessas teorias da conspiração é de que Obama não é um cidadão norte-americano, logo, é inelegível para o cargo de presidência. Fala-se em teorias, no plural, porque são diversas hipóteses que tentam responder à pergunta “Se ele não é americano, de onde ele veio?”. Diversas teorias se proliferaram pela internet; as mais famosas supõem que Obama é na verdade queniano, que seus pais são terroristas muçulmanos, ou, até mesmo, que ele é um alienígena.

Para a maior parte das pessoas, essas teorias não passam de uma artimanha mais elaborada para demonstrar racismo e questionar uma pessoa negra em posição de poder. Para outros, é apenas uma forma de ganhar publicidade. A motivação original dessas teorias, como todas as outras teorias da conspiração, não veio à tona, o que só permite então, a especulação pública.

Mais uma vez, o que se pretende ao analisar esse caso não é a veracidade ou refutabilidade dessas teorias, mas sim o seu impacto real. Apesar de descabidas, essas teorias tiveram um grande impacto, e até hoje têm seu valor no mundo da política.

Como todas as outras teorias da conspiração, não é possível precisar o início de sua propagação. Andy Martin, a ser mencionado posteriormente, se autoproclama publicamente como o criador dessas teorias. No entanto, existe uma segunda reivindicação de autoria das teorias em uma postagem do Fórum Free Republic, uma página da internet onde conservadores “raiz” podem conversar e interagir sobre temas variados (FREE REPUBLIC, 2021), cujo conteúdo instigava os leitores sobre o sobrenome do meio do Barack Obama. A postagem reuniu diversos comentários de pessoas de todo o país, e estimulou grandes interações que deram início à essas teorias.

As teorias ganharam representantes físicos através de nomes da política estadunidense como Ory Taitz, candidata republicana a Procuradoria-Geral da Califórnia em 2014, conhecida popularmente como a “rainha dos birthers” e Andy Martin, jornalista que já se candidatou mais de uma vez ao congresso, tanto pelo partido republicano como pelo democrata e se autodeclara como sendo o “rei dos birthers”. As duas figuras, apesar de nunca terem ocupado um cargo político de fato, são muito populares por terem disseminado as teorias Birther não só entre simpatizantes, mas publicamente também.

Foi em 2011 que um terceiro nome, muito mais influente e conhecido mundialmente veio à tona, dando suporte à essas teorias. Donald Trump, agora ex-presidente dos Estados Unidos, disse em entrevista à Fox News:

“Ele não tem uma certidão de nascimento. Ele pode até ter uma, mas tem algo naquela certidão de nascimento - talvez religião, talvez diga que ele é muçulmano; eu não sei (...) eu tenho um pessoal que está estudando o assunto e eles não conseguem acreditar no que estão encontrando.” (THE ATLANTIC, 2020, tradução nossa)

Após essa declaração, foram feitos diversos tweets na conta de Trump fazendo constantes provocações sobre o assunto, dando força a prerrogativa de que o povo teria o direito de possuir acesso a certidão de nascimento do então eleito presidente Obama. Alguns dos tweets que acaloraram a discussão na internet incluem:

“Se o Obama bancar o espertinho, basta pedir os seus registros e transcritos da faculdade — ele vai ficar quieto rapidinho.”, “Já não era para o Obama ter liberado as candidaturas e registros da faculdade? Cara isso ia dar uma confusão! (sic) Ele não é quem vocês pensam.”, “Uma fonte extremamente crível ligou para o meu escritório e me disse que a certidão de nascimento do @BarackObama é uma fraude.” “Eu quero ver os registros de faculdade do @BarackObama para ver como ele preencheu o ‘local de nascença’ na candidatura.” (ABC NEWS, 2016, tradução nossa)

No mesmo ano, após tentativas falhas de dissuadir as alegações, a Casa Branca tomou as rédeas do assunto e declarou pública a certidão de nascimento de Barack Obama.

Vale lembrar que essa foi a primeira vez na história em que um presidente dos Estados Unidos foi solicitado a mostrar sua certidão de nascimento ao público. Curiosamente, em 2015, ainda aspirante ao cargo, Trump se negou a mostrar a sua própria certidão de nascimento, mesmo tendo pedido isso de Obama.

Esse ato, apesar de simples e objetivo, tem sua eficiência contestada dentro dos estudos do tema conspiracionista. Conforme sugerem Sunstein e Vermeule (2008), dar uma resposta pública a uma teoria da conspiração é uma forma de dizer que ela está sendo notada e que está incomodando. Sobre esse dilema de refutar ou ignorar uma teoria da conspiração, esses autores apontam que:

[...] refutar a teoria poderia legitimá-la, passando a teoria da zona de alegações absurdas demais para serem discutidas para a zona de alegações que, verdadeiras ou não, são em alguma medida passíveis de discussão. Esse efeito de legitimação pode surtir dois efeitos. Primeiro, o público pode supor dos esforços de refuta do governo que ele acredita que a teoria da conspiração é plausível, e teme que outros sejam persuadidos. Segundo, alguns membros do público podem supor que muitos outros membros do público devem acreditar na teoria, se não o governo não estaria se dando ao trabalho de refutá-la. (SUNSTEIN E VERMEULE, 2008, p.18, tradução nossa)

Como os próprios autores sugerem, é um tiro que pode sair pela culatra, e foi exatamente o que aconteceu com o caso Birther. A certidão de nascimento não foi o suficiente para abafar a teoria, que até hoje ainda tem repercussão entre os seguidores. Uma investigação policial foi feita em 2012, e atestou a veracidade da certidão⁶. Mas, para os adeptos à teoria, isso não passou de algo arranjado pelo próprio governo.

Em 2016, Trump admitiu em uma coletiva de imprensa que Obama realmente nasceu nos Estados Unidos. Ele aproveita o momento para responsabilizar a sua então futura concorrente à presidência, Hillary Clinton pelas teorias Birther. Esse reconhecimento público, assim como qualquer outra nova informação que surge sobre o caso, não surte nenhum efeito em diminuir a propagação da teoria. Uma pesquisa da FiveThirtyEight (2020), subdivisão da ABC News que reúne diversas pesquisas feitas entre cidadão norte-americanos desde 2009 até 2017, mostra que tanto a publicação da certidão pela Casa Branca em 2011 como a fala de Trump em 2016 não diminuíram o número de pessoas que acreditam nas teorias. Ao contrário disso, a pesquisa mostra que esse número até mesmo aumentou.

⁶ A investigação foi feita em duas frentes, uma conduzida por um xerife local publicamente apoiador de Trump, Joe Arpaio; e outra conduzida pelo então Secretário do Estado do Arizona, Ken Bennett. Ao longo dos meses, a investigação ganhou atenção do público trazendo uma nova espetacularização ao caso. Mais detalhes sobre a investigação podem ser encontrados em Barkun (2013), além de diversas reportagens incluindo o nome dos homens citados previamente.

É interessante perceber que, apesar de ser uma teoria que se proliferou com agressividade entre adeptos do partido republicano, ela também mostra simpatizantes entre os democratas, como sugere uma pesquisa feita pela Universidade de Oxford por Enders e Smallpage (2018), ainda que em proporção muito menor do que entre os republicanos. Segundo os autores, a crença em teorias desse gênero

provém muito mais de considerações partidárias estratégicas do que da tendência de ver o mundo em termos conspiratórios. Isto é, partidários têm essas crenças porque eles são motivados a intencionalmente desacreditar seus oponentes ou a promover os interesses do seu partido, não porque são "conspiracionistas". (ENDERS e SMALLPAGE, 2018, p. 5, tradução nossa)

Essa observação é de extrema importância para entender como a política e as teorias da conspiração dialogam e porque, nos tempos atuais, estudos desse tema se fazem cada vez mais relevantes. É necessário compreender as teorias da conspiração neste cenário inicialmente não como crenças, mas sim como ferramentas que se transformam em crenças, ou nas palavras de Enders e Smallpage, compreender como o “partidarismo leva a crença em diversas teorias da conspiração.” (ENDERS e SMALLPAGE, 2018, p. 6, tradução nossa) Este momento, onde o partidarismo serve como uma porta de entrada para o mundo das teorias da conspiração, é um fenômeno que vai totalmente na contramão das crenças conspiratórias ao longo da história.

Segundo Barkun (2013), o caso Birther é o exemplo perfeito de como funciona o conhecimento estigmatizado: uma simples teoria de internet se confunde com outras grandes teorias da conspiração, mostrando como algo pontual pode se transformar em algo global. O autor aponta que muitas das pessoas que foram a frente dando suporte à essas teorias, eram também adeptas de outras, como a teoria dos reptilianos ou dos campos de concentração financiados secretamente pelo governo.

Barkun (2013) afirma ainda que este caso específico se torna ainda mais interessante por reunir os “*true believers*”, aqueles que realmente acreditam e abraçam teorias da conspiração de todos os gêneros, com os “oportunistas”, aqueles que possuíam interesse meramente político no caso; ou seja, aqueles que aderiram por um pensamento conspiratório com aqueles que aderiram por partidarismo. O autor diz que esses dois grupos

“existem numa relação simbiótica um com o outro. Os “*true believers*” criam argumentos esotéricos legais o suficiente para fornecer uma aparente plausibilidade para que os oportunistas não pareçam completamente fora de uma lógica, enquanto os oportunistas estimulam atenção pública o suficiente para que os “*true believers*” não fiquem completamente isolados.” (BARKUN, 2013, p. 188, tradução nossa)

Um terceiro fato que também ressalta a importância deste caso específico é a mudança de perspectiva do povo em relação aos seguidores de uma teoria da conspiração. Como dito antes, outras formas de conhecimento estigmatizado passaram pelo processo de “autorização”, ou seja, são abraçados pelas instituições tradicionais de conhecimento. Por mais que o mesmo não tenha acontecido com as teorias da conspiração ainda, é interessante observar como aqueles que defenderam publicamente a teoria não foram descredibilizados ou ridicularizados pela população de modo geral, muito pelo contrário, um desses apoiadores foi inclusive eleito à presidência dos Estados Unidos.

Dean (1998) especula que "a teoria da conspiração, longe do rótulo desdenhosamente atrelado aos lunáticos marginalizados, pode ser um veículo apropriado para contestação política." (DEAN, 1998 apud BARKUN, 2013, p.36-37, tradução nossa). Vale lembrar que houve muitas mudanças no cenário político desde 2013, então o que para Dean era apenas especulação dos rumos que essa combinação das teorias da conspiração à cultura popular tomaria, hoje é uma realidade incontestável.

Ainda sobre essa migração das teorias para a cultura popular, Barkun (2013) diz que: “Certamente a aparição de temas conspiratórios na cultura popular, ao menos desestigmatiza parcialmente essas ideias, associando-as a celebridades admiradas e propagando-as através das formas mais importantes de entretenimento de massa”. (BARKUN, 2013, p. 35, tradução nossa)

Essa associação da celebridade como moldadora e propagadora de ideias também é trazida por Houghton (2009), e ajuda a estabelecer a grande importância que é a presença de um presidente que apoia teorias da conspiração, ideias que são por si só desestabilizadoras e incitam questionamento excessivo do público.

A própria ex-primeira-dama, Michelle Obama, se pronunciou publicamente contra Trump a respeito das teorias Birther. Em seu livro “Minha História”, ela diz que

A coisa toda era uma loucura maldosa e mesquinha, é claro, a intolerância e xenofobia subjacentes quase impossíveis de disfarçar. Mas também era algo perigoso, cujo intuito deliberado era incitar os malucos e dementes. [...] Donald Trump, com suas insinuações estridentes e inconsequentes, colocava em risco a segurança da minha família. E isso eu nunca perdoaria. (OBAMA, 2018, p.378-379)

Esse posicionamento público foi de extrema importância para mostrar como a teoria que começou como uma intriga de internet, se transformou numa ameaça real e uma grande importunação ao Presidente Obama e aqueles ao seu redor.

Um último fator que merece destaque aqui, e que tanto Barkun (2013) como Houghton (2009) elaboram como sendo um dos principais propagadores de ideias no mundo moderno, é o uso das redes sociais e da própria internet como local de disseminação de teorias da conspiração. Segundo Barkun (2013), isso acontece porque a Internet forneceu a ponte entre aqueles que têm perguntas e aqueles que alegam ter as respostas.

E não por acaso, ela é um fator central que reúne as mobilizações partidárias com as teorias da conspiração. A internet, segundo Barkun (2013), é o principal meio de perpetuação do conhecimento estigmatizado e é a ela também que as pessoas recorrem para se mobilizar politicamente, seja em redes sociais ou em fóruns como o próprio Free Republic. Esta associação, que permitiu a popularização de teorias da conspiração com tanta vivacidade e velocidade nos últimos anos, não pode ser negligenciada.

Além disso, a análise do caso a partir da internet é importante, uma vez que a tecnologia já se mostrou mais do que capaz de estimular e gerar eventos reais, como a Primavera Árabe (2010-2012) e as Manifestações Brasileiras de Junho de 2013⁷, ambas conhecidas por terem começado na Internet.

Movimentos gerados por teorias da conspiração através da internet, apesar de menos frequentes ao longo da história, também existem, como por exemplo a invasão ao Capitólio por diversos apoiadores de Trump em janeiro deste ano. Em sua maioria, o grupo foi motivado por tweets do ex-presidente que sugeriam uma conspiração de fraude na contagem dos votos.

As teorias Birther, com o tempo, foram perdendo a importância e logo passaram a se juntar à outras pequenas teorias que compõem uma agenda muito maior no mundo das conspirações. A cidadania de Obama foi oficialmente reconhecida, independentemente de ser creditada por todos. Trump foi eleito em 2017 e seguiu pelo rumo das teorias da conspiração, sendo propagador de diversas delas durante o ano de 2020, primeiro ano da pandemia de COVID-19, estimulando a criação da teoria do QAnon⁸ e ainda, incitando a criação de uma

⁷ Para o leitor que deseja saber mais sobre os dois temas, recomenda-se a leitura dos textos: “*Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas*” de André Singer, “Lutas sociais e ciberespaço: o uso da Internet pelo movimento passe livre nas manifestações de junho de 2013 em São Paulo” de Maíra Ouriveis, “A Internet nos Movimentos Sociais e nas Manifestações Massivas no Brasil” de Franciani Bernardes e Célia Barbosa, “Internet y la primavera árabe: hacia una nueva percepción del ciberespacio” de Youssef El Hamdouni e “Revolução Facebook: em que medida as redes sociais na internet interferiram na deflagração da chamada Primavera Árabe?” de Letícia de Oliveira.

⁸ “o QAnon é uma teoria [...] que diz que o presidente Trump está travando uma guerra secreta contra os pedófilos adoradores de Satanás do alto escalão do governo, do mundo empresarial e da imprensa.” (BBC NEWS, 2021). Trump chegou a publicamente endossar a teorias e incitar movimentos de violência de seus seguidores, como os vistos no final do ano passado após a vitória de Joe Biden nas eleições presidenciais.

nova versão das teorias Birther, mas tendo desta vez como alvo, a atual vice-presidente dos Estados Unidos, Kamala Harris.

5 O BRASIL COMO UM ESPELHO DO CASO ESTADUNIDENSE

Como um trabalho feito no Brasil, faz-se necessário aqui fazer uma associação, ainda que breve, do tema estudado com o momento político no qual o Brasil se encontra. Existem três argumentos simples que demonstram como a política brasileira desde 2017 é um espelho do cenário norte-americano no período de surgimento das teorias Birther até o ano de 2020.⁹

O primeiro argumento é de que, assim como ocorreu em 2017 nos Estados Unidos, em 2018, no Brasil, o candidato eleito a presidência era publicamente adepto de diversas teorias da conspiração. Jair Bolsonaro, o presidente brasileiro, levanta questionamentos até os dias de hoje sobre o atentado pessoal que sofreu em 2018, sugerindo que o episódio faz parte de uma grande conspiração contra ele. Além disso, ele questionou publicamente a confiabilidade de urnas eletrônicas no processo eleitoral durante as revoltas no Capitólio em 2020, fazendo coro à voz de Trump e afirmando que no Brasil “seria ainda pior se o país não adotasse o voto impresso para as próximas eleições” (EL PAÍS, 2021), mostrando apoio às hipóteses criadas por adeptos da teoria do QAnon, mencionada anteriormente neste trabalho, e fomentando a criação do QAnon brasileiro¹⁰. Ele também usou teorias da conspiração ao “afirmar que organizações não governamentais são responsáveis pelo aumento de queimadas na Amazônia” (CUNHA, 2019) e fez constantes anúncios xenofóbicos durante a pandemia de COVID-19 sugerindo que o vírus foi fabricado por chineses, além de muitas outras teorias.

Vale lembrar que esse perfil “conspiracionista” de Bolsonaro já era visto antes mesmo de sua eleição em 2018, assim como o de Trump, e mesmo assim ambos foram eleitos.

⁹ Com a saída do Presidente Trump, figura central da popularização de teorias da conspiração, vê-se que o cenário americano sofre mudanças. No entanto, no Brasil, ainda não é possível dizer o mesmo.

¹⁰ Em algumas fontes apresentado como QAnon tupiniquim, a teoria surgida na internet sugere que “o presidente Jair Bolsonaro e seu séquito de ministros mais ideológicos devem ser apoiados incondicionalmente, pois enfrentam forças literalmente demoníacas de uma elite nacional e global infiltrada no STF, no Congresso, na mídia e em todos os cantos, que busca implantar o autoritarismo comunista e promover a pedofilia e o aborto entre os povos sob coordenação da China.” (EL PAÍS, 2021)

Como já mencionado na seção anterior, a polarização extrema tem grande participação na propagação de teorias da conspiração no mundo atual. No Brasil, diferentemente dos Estados Unidos, mais de dois partidos políticos sempre estiveram presentes nas eleições e debates eleitorais. Há alguns anos, no entanto, percebe-se que cada vez mais existe um movimento de polarização “partidária”, onde os demais partidos foram colocados completamente de escanteio e os brasileiros se dividem grosseiramente entre “petistas” (em teoria, adeptos do Partido Trabalhista; na prática, qualquer pessoa que tenha ideologia harmônica com partidos de esquerda ou divergentes da ideologia pregada por Bolsonaro) e “bolsonaristas” (adeptos ao governo Bolsonaro, que nem ao menos possui filiação a um partido fixo). Essa dualização “partidária” extremista é muito semelhante ao cenário estadunidense, o que se utiliza aqui como segundo argumento para justificar a semelhança entre os dois momentos.

Finalmente, nota-se no Brasil que a internet, assim como nos EUA tem uma presença muito forte na propagação de teorias da conspiração e *fake news*, que ajudam a fragilizar o cenário e ampliar a desinformação entre as pessoas, tornando o confronto político ainda mais difuso e confuso.

Ainda é cedo para saber se o Brasil tomará os mesmos rumos que os EUA e Bolsonaro será vencido nas próximas eleições presidenciais assim como Trump foi em 2020. Considerando a imensa semelhança que os dois casos têm, existe uma expectativa nacional e até internacional de que esse seja o futuro do Brasil. No entanto, em um mundo fragilizado e inchado por teorias da conspiração, todos os desfechos são uma espécie de Gato de Schrödinger¹¹, ao mesmo tempo prováveis e improváveis.

6 CONCLUSÃO

Como visto ao longo deste trabalho, as teorias Birther foram caóticas e conseguiram trazer as teorias da conspiração a um novo nível. Segundo Barkun (2013), o 11 de Setembro foi fundamental na aproximação desses universos, do conhecimento estigmatizado com o

¹¹ O Gato de Schrödinger foi um experimento científico divulgado em 1935, onde o físico de mesmo nome provou como, até que um determinado momento seja de fato observado, duas realidades (uma onde determinado evento ocorreu e outra no qual ele não ocorreu) podem coexistir paralelamente. (SUPER INTERESSANTE, 2011) O experimento foi de importância fundamental para a mecânica quântica, e aqui, se usa apenas como analogia, reforçando a imprevisibilidade dos eventos políticos no mundo contemporâneo.

conhecimento tradicional, por mobilizar um grande número de teorias e pessoas céticas em relação ao governo ou com algum nível de suspeita.

As eleições de 2008, nada mais são do que as primeiras eleições em que essa nova realidade, pós-11 de setembro, se encontra, através de artimanhas políticas e teorias precipitadas. Fala-se “as primeiras”, porque eleições posteriores, como a mais recente, de 2020, não foram mais brandas em termos de fake news e teorias da conspiração. Muito pelo contrário, elas geraram engajamento ativo, através de manifestações violentas. Além disso, como já pontuado neste trabalho, neste mesmo ano, as próprias teorias Birther parecem ter arranjado um novo alvo.

Como o próprio Barkun (2013) aponta, a permeabilidade da barreira entre os conhecimentos estigmatizado e tradicional é maior do que em qualquer outro momento da história. Mas, por mais confusas que essas barreiras se tornem, vale lembrar, que, segundo o autor, “com a dissolução da barreira entre o tradicional e o não-tradicional, não existe mais um domínio do conhecimento estigmatizado” (Barkun, 2013, p. 235). Este é um ponto importante para este trabalho, porque, apesar das diversas provocações feitas, até mesmo pelo nível que essas teorias alcançaram, elas ainda não são um pensamento do conhecimento tradicional. Por mais estranho que pareça ser, as teorias da conspiração que estão migrando para o conhecimento popular não são fruto da adesão do público pelas teorias, mas sim um suporte ferramental de partidarismo.

E, mais do que isso, é necessário compreender que essa adesão política das teorias, ajuda também a permear a desconfiança política não só entre aqueles que dão apoio à teoria, mas a todos. No momento em que vivemos hoje, ser um

‘teórico da conspiração’ deve ser pensado como algo contínuo, em vez de um traço dicotômico: não é um caso em que alguns são e outros não são conspiratórios, mas sim, onde todos são mais ou menos conspiratórios” (ENDERS e SMALLPAGE, 2018, p. 14, tradução nossa)

No que tange ao posicionamento do governo em relação a teorias da conspiração, o caso Birther trouxe também uma importante reflexão na medida em que ele vai totalmente contra ao que acadêmicos que se dedicam ao estudo sugerem, mostrando a importância destes estudos e o despreparo governamental para lidar com problemas relacionados à crença conspiratória. Afinal, questões eleitorais são apenas uma faceta desses problemas de grandes dimensões. Como o próprio Barkun (2013) aponta, “durante a década que começou com os ataques do 11 de Setembro, houve diversos casos de indivíduos, assim como pelo menos alguns grupos, cujas perspectivas conspiracionistas levaram a atos de violência” (BARKUN,

2013, p. 193). Um exemplo disso, é o caso de Oscar Ortega¹², que não coincidentemente também foi um atentado contra Obama e poderia ter resultado no seu assassinato.

O caso estudado aqui faz total coro às passagens e problemáticas trazidas na primeira seção deste artigo, sobre a urgência do reconhecimento e aprofundamento do tema em termos acadêmicos e políticos. Como o próprio Barkun (2013) problematiza, “o fato das crenças [...] serem bizarras não significa supor que elas são necessariamente inofensivas ou indignas de análise e atenção.”

Muito pelo contrário, como Enders e Smallpage concluem de suas pesquisas,

os teóricos da conspiração são mais propensos a serem politicamente extremos, mais favoráveis à violência, participarem menos da política eleitoral e evitam apoiar os candidatos convencionais. Em outras palavras, o pensamento conspiratório tem claramente o potencial de ser muito perturbador para o status quo e para as crenças normativas tradicionais. (ENDERS e SMALLPAGE, 2018, p. 15, tradução nossa)

Em nenhum outro momento da história essas conclusões são tão perceptíveis como o momento presente. Nos próprios EUA, atualmente, o movimento “Stop Asian Hate”, que luta contra a xenofobia e discriminação aos asiáticos e descendentes de asiáticos nos EUA, ganha cada vez mais força após o assassinato de oito pessoas em Atlanta, das quais seis eram de origem asiática. O movimento surge também como uma manifestação contra as diversas falas xenofóbicas ao povo asiático durante a pandemia de COVID-19, falas disseminadas tanto por Trump como por Bolsonaro. É obviamente difícil determinar se estes crimes são oriundos da crença conspiratória ou puramente de xenofobia. No entanto, é inegável o fato de que teorias e fake news que sugerem a criação artificial do vírus pandêmico em território chinês encorajam posicionamentos e falas xenofóbicas.

São acontecimentos como este que tornam o estudo das teorias da conspiração necessários. A grande questão é compreender que essas teorias são não só consequência de problemas políticos mas também causa de novos problemas.

Tendo em conta todos os argumentos e dados analisados neste artigo, percebe-se que o caminho que o tema ainda tem para percorrer em termos acadêmicos é grande e uma verdadeira “corrida contra o relógio”. Os debates e tensões políticos estão se tornando cada vez mais complexos e ferramentas como a Internet e as redes sociais, apesar de terem seus pontos positivos, não facilitam a retardação desse processo, tornando este estudo cada dia mais necessário.

¹² “Em novembro de 2011, Oscar Ortega, de vinte e um anos, disparou tiros na Casa Branca numa tentativa felizmente ineficaz de assassinar o presidente Obama. Ortega acreditava que Obama era o Anticristo e ele próprio era Cristo.” (BARKUN, 2013, p. 196)

BIBLIOGRAFIA

ADDLEY, E. Study shows 60% of Britons believe in conspiracy theories. **The Guardian**, Reino Unido, 23 nov. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2018/nov/23/study-shows-60-of-britons-believe-in-conspiracy-theories>. Acesso em: 16 jun. 2019.

BALE, J. M. Political paranoia v. political realism: on distinguishing between bogus conspiracy theories and genuine conspiratorial politics. **Patterns of Prejudice**, Londres, 24 nov. 2014.

BARKUN, M. A culture of Conspiracy: Apocalyptic Visions in Contemporary America. **University of California Press**, Londres. 2013

BELL, C. The people who think 9/11 may have been an 'inside job'. **BBC News**, 1 fev. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/blogs-trending-42195513>. Acesso em: 23 maio 2019.

BOGART, L. M. and THORBURN, S. “Are HIV/AIDS Conspiracy Beliefs a Barrier to HIV Prevention Among African Americans?” **Journal of Acquired Immune Deficiency Syndromes** 38, no. 2 (2005): 213-18.

BREUNINGER, K. Michelle Obama: I'll ‘never forgive’ Trump for ‘putting my family’s safety at risk’ by pushing the birther conspiracy theory. **CNBC**, 9 nov. 2018. Disponível em: <https://wfw.cnbc.com/2018/11/09/michelle-obama-ill-never-forgive-trump-for-birther-conspiracy-theory.html>. Acesso em: 12 abr. 2021.

CUNHA, A. R. Como Bolsonaro usa teorias da conspiração ao acusar ONGs por queimadas na Amazônia. **Aos Fatos**, 22 ago. 2019. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/como-bolsonaro-usa-teorias-da-conspiracao-ao-acusar-ongs-por-queimadas-na-amazonia/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

DONALD Trump admits President Obama was born in US. **BBC News**, 16 set. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/av/world-us-canada-37389180> Acesso em: 12 abr. 2021.

ENDERS, A. M.; SMALLPAGE, Steven M. Polls, Plots, and Party Politics: Conspiracy Theories in Contemporary America. *In: Conspiracy Theories and the People Who Believe Them*, 2018. ISBN 9780190844073.

GABBATT, A. Donald Trump refuses to release birth certificate and passport records. **The Guardian**, 26 jun. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2015/jun/26/donald-trump-refuses-release-birth-certificate-passport-records>. Acesso em: 12 abr. 2021.

GERAGHTY, J. Obama Could Debunk Some Rumors By Releasing His Birth Certificate. **National Review**, 9 jun. 2009. Disponível em: <https://www.nationalreview.com/the-campaign-spot/obama-could-debunk-some-rumors-releasing-his-birth-certificate-jim-geraghty/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

HOUGHTON, D.P. The Role of Self-Fulfilling and Self-Negating Prophecies in International Relations. *International Studies Review*, **University of Central Florida**, v. 11, p. 552 - 584, 2009.

NOGUEIRA, J. P. MESSARI, N. Teoria das Relações Internacionais – Correntes e Debates. Elsevier. Rio de Janeiro. 2005.

OBAMA, M. Minha História. Objetiva, 2018. cap. 22, p. 365-391.

QUINAN, R. De JFK a Fake News: Teorias da Conspiração em Duas Encarnações de The X-files. *In: III JORNADA INTERNACIONAL GEMINIS, Universidade Federal de São Carlos*, 28 a 30 ago. 2018. Disponível em: <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-c59cbcbe0e9d2ac0d1b2dee944f8d9e3df333274-arquivo.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2020.

RÄIKKÄ, J. On Political Conspiracy Theories. **The Journal of Political Philosophy**, v. 17, n. 2, p. 185–201, 2009.

REBELLO, A. ‘QAnon brasileiro’ segue firme nas redes e se mostra alinhado a movimento de teorias conspiratórias dos EUA. **El País**, 13 fev. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-13/qanon-brasileiro-segue-firme-nas-redes-e-se-mostra-alinhado-a-movimento-de-teorias-conspiratorias-dos-eua.html>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ROGERS, K. The Birther Myth Stuck Around For Years. The Election Fraud Myth Might Too. **FiveThirtyEight**, 23 nov. 2020. Disponível em: <https://fivethirtyeight.com/features/the-birther-myth-stuck-around-for-years-the-election-fraud-myth-might-too/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ROSE, J. Even If It's 'Bonkers,' Poll Finds Many Believe QAnon And Other Conspiracy Theories. **NPR**, 30 dez. 2020. Disponível em: <https://www.npr.org/2020/12/30/951095644/even-if-its-bonkers-poll-finds-many-believe-qanon-and-other-conspiracy-theories>. Acesso em: 12 abr. 2021.

ROTHMAN, L. This Is How the Whole Birther Thing Actually Started. **Time**, 16 set. 2016. Disponível em: <https://time.com/4496792/birther-rumor-started/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SARFATI, G. Teoria das Relações Internacionais. São Paulo: Saraiva, 2005.

SERWER, G. Birtherism of a Nation. **The Atlantic**, 13 mai. 2020. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2020/05/birtherism-and-trump/610978/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SHOICHET, C. E. Forget conspiracy theories about migrants. Here's what experts say is going on. And it's not about the midterms. **CNN**, US, 4 nov. 2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2018/11/04/americas/migrant-theories-experts-midterms/index.html>. Acesso em: 16 jun. 2019.

SILVA, S. **Teorias da Conspiração**: Sedução e Resistência a partir da Literacia Mediática. 2010. Tese (Mestrado em Ciências da Comunicação Variante de Comunicação Política) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, CIDADE.

STAYKOVA, G. The Dangerous Power of Conspiracy Theories. **Student Voice**, Kentucky, US. Disponível em: <https://www.stuvoice.org/journalism/the-dangerous-power-of-conspiracy-theories>. Acesso em: 16 jun. 2019.

STEAKIN, W.; SMITH, T. Trump floats false, racist birther theory about Kamala Harris. **ABC News**, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Politics/trump-floats-false-racist-birther-theory-kamala-harris/story?id=72372616>. Acesso em: 12 abr. 2021.

STRUYK, R. 67 Times Donald Trump Tweeted About the 'Birther' Movement. **ABC News**, 16 set. 2016. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Politics/67-times-donald-trump-tweeted-birther-movement/story?id=42145590>. Acesso em: 12 abr. 2021.

SUNSTEIN, C. R.; VERMEULE, A. Conspiracy Theories. 2008. **University of Chicago Law School**, 2008. Disponível em: <http://ssrn.com/abstract=1084585>. Acesso em: 24 maio 2019.

SWAMI, V; FURNHAM, A. Political paranoia and conspiracy theories. **Cambridge University Press**, p. 218-236, 2014.

TRUMP stokes 'birther' conspiracy theory about Kamala Harris. **BBC News**, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-53774289>. Acesso em: 12 abr. 2021.

VALFRÉ, V. QAnon ganha força no Brasil com teorias conspiratórias e apoio a Bolsonaro. **O Estado de S. Paulo**, 29 ago. 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,qanon-ganha-forca-no-brasil-com-teorias-conspiratorias-e-apoio-a-bolsonaro,70003418110>. Acesso em: 12 abr. 2021.

WALT, S. M. On 'Conspiracy Theories'. **Foreign Policy**, 26 mar. 2010. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2010/03/26/on-conspiracy-theories/>. Acesso em: 23 maio 2019.

ZURCHER, Anthony. The birth of the Obama 'birther' conspiracy. **BBC News**, 16 set. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/election-us-2016-37391652>. Acesso em: 12 abr. 2021.